A vida construtiva do Barão de Studart

HENRIQUE GONZALEZ

Desde cedo Guilherme Studart, filho do comerciante inglês John William Studart, e de D. Leonísia de Castro Barbosa Studart, nascido em Fortaleza a 5 de janeiro de 1856, revelou-se um estudioso compenetrado dos seus deveres de estudante.

Saído do Ateneu Cearense com os primeiros elementos básicos da sua formação intelectual, ingressou no Ginásio da Bahia, onde encontrou Abílio César Borges, aquêle mentor inconfundível, de quem foram discípulos Castro Alves e Rui Barbosa.

Êle, o mestre, despertava, pelo mérito, no espírito dos meninos capazes as reveladas aptidões, realizando outeiros onde se liam os lavores incipientes dos jovens poetas, que se ocultavam na timidez dos primeiros anos. Daí saiu Studart com a medalha de ouro sôbre o peito.

Naquele símbolo do merecimento tinham despertado entre as tantas bôas qualidades de Guilherme Studart mais uma. E na justa homenagem ao estudante aplicado o mestre ativa ainda mais o sentimento do dever no jovem cearense.

Transpõe os pórticos da tradicional Faculdade de Medicina da Bahia aos dezesseis anos, ali mesmo naquele templo, em cujos corredores viveu a mais alta inteligência de tôdas as épocas, o padre Antônio Vieira, pois era parte do Colégio dos Jesuítas.

A 15 de dezembro de 1877, contando 21 anos de idade, sai Guilherme Studart com o diploma de médico, pergaminho que êle havia de honrar pelo tempo afora como um benemérito da ciência hipocrática, engrandecendo a sua brilhante carreira profissional.

Não se detém na vaidade dos lauréis. Desdobra-se em mil atividades.

Preocupa-o a escravatura.

Logo no comêço da sua honrosa profissão acompanha os primeiros casos de lepra aparecidos em Fortaleza.

Dedica-se à Caridade como um apóstolo. Funda a Conferência de S. Vicente de Paulo, pôsto avançado do altruísmo cristão.

Segue o evolver das pandemias, a mortalidade das crianças. Já não é apenas um médico, um idealista, um cristão. E', antes de tudo, um patriota, um benemérito da sua terra natal.

Foi notável e comovente o papel desempenhado por Guilherme Studart em Fortaleza. O Papa Leão XIII lhe concede, em 1900, o título de Barão.

Não é pròpriamente um distintivo de fidalguia, mas um brazão de caridade.

Nesse mistér, entre homem santo e cientista, além de patriota, prolonga por cinquenta anos o seu sacerdócio.

Por tôda parte espalha o bem.

Funda o Centro Médico Cearense.

E ainda lhe sobra tempo para o Instituto do Ceará, expressão da inteligência tabajara que reúne a Història, as Ciências e as Letras.

Torna-se um pesquisador de vastas possibilidades.

Vai à Tôrre do Tombo, em Lisboa, onde nas gavetas numeradas está a vida sofredora do Brasil-colônia.

Remexe os arquivos de Simancas, na Espanha, a Biblioteca de S. Genoveva, em Paris. Em tôda parte onde existe um documento que fale do Ceará, que se refira ao Brasil, o Barão de Studart copia-o como um monge medieval na sua cela.

Não se torna um avaro no seu afã de busca constante nos

códices engavetados.

Publica cada documento. Esmiúça-o. Interpreta-o.

Na sua própria casa se imprime a revista do Instituto.

Estamos, portanto, deante de um homem predestinado no desempenho das suas mais altas funções sociais. E' uma vida útil à coletividade.

Poucas criaturas terão sido tão desinteressadas como o Barão de Studart na sua versatilidade produtiva.

Ao lado das múltiplas causas em pról do bem público cumpre os seus deveres de chefe de família exemplar.

Temos, portanto, que render a nossa homenagem ao Barão de Studart como um padrão moral e cívico da nacionalidade e sobretudo do Ceará, pela maneira como se conduziu na vida, coerente, trabalhador, honesto, virtuoso, cristão, patriota, excedendo-se na luta pelo bem coletivo, prova de uma educação sólida e cristã.

Poderia ter sido um egoista amealhando bens pessoais, ou enveredando pela política, que cega os homens prestigiosos.

As sociedades científicas do mundo inteiro não o esqueceram.

* * *

Na vida de Guilherme Studart, padrão de Carlyle, paradigma de Plutarco, já era o bastante para assinalar a sua trajetória o avanço de quatro anos na extinção da escravatura no Ceará.

Foi importante o papel desempenhado pelo ilustre cearense na propaganda da Abolição.

A 25 de Março de 1884 regista-se nos fastos da história cearense o término do cativeiro. O ato antecipou em quatro anos o gesto bondoso da Princesa Isabel, o 13 de Maio de 1888, que solapou os alicerces do trono, derrubando-o.

O Barão de Studart enfrentou a sociedade escravagista do tempo, com prejuízo da sua própria vida profissional. Tôda a riqueza dos nossos antepassados estava representada pelo

escravo, de que foram herdeiros legítimos Teodoro Sampaio e Luís da Gama. O primeiro, depois de formado em Engenharia, veio libertar a sua própria mãe. O segundo, antes de ser poeta e advogado, foi escravo.

Para considerar o ato nobre do fundador do nosso Instituto precisamos notar que se expôs ao ódio de uma sociedade que se vangloriava da sua riqueza, da sua posição, pelo número de escravos que possuía.

Não existindo ainda a máquina, o negro, com a sua resistência e passividade, era isso mesmo, mas não gozava de prerrogativas especiais de conservação, como a máquina. Era uma animal, uma peça, que o avaliador mirava de alto a baixo, abria a boca como se faz a um cavalo e assim avaliava o seu preço.

Foi, portanto, destemeroso o combate do médico e do idealista, que necessitava da classe mais abastada para viver.

Êle, porém, com a sua conciência tranquila, sabendo que a escravidão degradava a espécie humana, torna-se o paladino de uma idéia.

Não podendo apagar de vez as injustiças da terra, nem empunhar a arma sinistra para o triunfo do direito das gentes, armou-se com uma cruz. Da pena fêz a sua lança. Ergueu bem alto o estandarte da Fé baseado nos ensinamentos de Cristo, e ei-lo ardoroso defensor de uma causa, a batalhar sem desfalecimento.

Não podia gritar por Santiago como aquêles cavaleiros nobres nas justas de outrora, mas o seu silêncio era também um grito de vitória: **Delenda Carthago!**

Depois dessa luta desigual, expondo-se à ira do senhor absoluto da vida do seu semelhante, viu coroada de êxito a sua missão.

Acompanhou os primeiros casos de lepra em Fortaleza durante longos anos, a fim de estudar a contaminação. E vendo que subia a três dezenas quis construir um leprosário. Depois de bater a tôdas as portas, que se lhe abriram, teve de dar o dinheiro para os retirantes da grande sêca de 1915, espe-

táculo dantesco, cujo clamor foi até o meu rincão sulino — o Rio Grande — onde vi, menino, a bandeira brasileira pelas ruas em bando precatório, num espetáculo que ainda hoje a lembrança me comove.

Durante meio século de vida — mais do que a metade da vida humana — aquele **nel mezzo del camin di nostra vita** do poeta florentino batalhou como presidente da Conferência de S. Vicente de Paulo, que vai levar ao tugúrio mais pobre o pão, o vestido, e muitas vêzes o aluguel da casa.

O Barão de Studart integrou-se nesse movimento que empolga as almas bem formadas como uma nave alvissareira em busca do pôrto da Esperança. Não se empavesou de flâmulas e galhardetes, publicando o triunfo da vitória.

Recebeu por tudo um título. Era a reprodução da medalha de ouro do Ginásio da Bahia. Como médico, ora lhe preocupava o obituário infantil, ora as epidemias, as endemias, o alcoolismo, pode-se dizer sem errar, males sociais.

As obras que produziu, o bem que praticou, os ideais que defendeu, consagraram a sua vida. Tão grandiosas são elas, tão elevadas e notáveis, que será preciso que se reúna nas mãos de cada especialista tudo quanto escreveu, quer como médico, quer como historiador.

* * *

Faleceu o Barão de Studart com 83 anos, no dia 25 de setembro de 1938, sendo profunda a consternação nos meios filantrópicos cearenses pela perda do grande apóstolo da caridade. O Instituto do Ceará, de quem era o fundador e o mentor, fêz-se representar nas exéquias do seu patrono e mestre, falando vários oradores. O Centro Médico Cearense também esteve presente aos funerais do grande morto, como preito de saudade.

Foi publicada uma edição especial da Revista em 1938 a respeito do Barão de Studart, sob a direção do nosso dignissimo Presidente, Dr. Tomás Pompeu Sobrinho e uma comissão

de redação: Eusébio de Sousa, Carlos Studart Filho, Martinz de Aguiar e Hugo Vitor. Dessa comissão falaram: Eusébio de Sousa e Hugo Vitor, dois dedicados colaboradores do nosso Instituto, que emprestaram o seu talento a essa grande obra idealizada pelo Barão de Studart.